

A mais cara das jóias



Sentado atrás do balcão da sua loja, o velho Peter sentia-se seguro como um castelão sobre as muralhas da sua praça fortificada. Décadas de investimentos, contas rígidas e muito tino comercial tinham edificado aquela espécie de pequena fortaleza económica. A inscrição gravada em letras douradas na grossa placa de madeira que encimava o seu estabelecimento bem simbolizava tudo isso: Loja de Penhores Peter Argern.

Em todos os seus negócios observava uma série de regras estritas, fruto da experiência adquirida a duras penas. E a primeira era esta, que ele fazia questão de repetir ao longo do dia: "Nunca confie em ninguém". E repetia, por três vezes, a primeira palavra dessa sua frase preferida: "Nunca, nun-ca, nun-ca".

Os mais velhos da cidade contavam que Peter passara por situações difíceis, não só quando menino, mas também quando adulto, no mundo dos negócios. Desde então, votara a uma desconfiança mortal toda a humanidade. Abandonara completamente a religião, pois considerava uma tolice tudo quanto falavam os padres a respeito de perdão e misericórdia. Era a última pessoa de quem se poderia esperar um acto de compaixão, ou sequer de compreensão.

Assim, o seu sentido de desconfiança tornou-se mais intenso quando, certa manhã, uma menina entrou na loja, ficou longo tempo parada com o nariz colado numa montra, com os olhos fixos num dos objectos ali expostos, tendo depois saído sem dizer palavra. Era justamente o mostruário das jóias, o mais estimado pelo velho Peter. E o objecto pelo qual a menina demonstrara tanto interesse era um precioso colar de safiras azuis, que há anos repousava ali, sobre veludo negro.

Na manhã seguinte repetiu-se a mesma cena. Mais desconfiado ainda, o experimentado comerciante perguntava-se: teria algum ladrão enviado aquela criança para obter informações sobre os valores existentes na loja? Precavido, mandou um dos seus empregados mais espertos seguir discretamente a menina, quando ela se retirou. Antes do almoço, o rapaz regressou com algumas informações: ela era órfã e morava numa pobre casa a vários quarteirões dali, com a

irmã mais velha, que tinha cerca de 25 anos, e outra irmã muito doente, esta com menos de 5 anos; não tinha ligação com nenhuma pessoa suspeita.

Como explicar, então, o seu interesse pelo precioso colar? Talvez não passasse de um simples encanto infantil. Peter torceu o nariz, resmungou algo e, encolhendo os ombros, mandou o rapaz retomar o seu trabalho, enquanto ele fazia o mesmo, detrás do seu querido balcão. No dia seguinte, lá estava de novo a menina... Com certa surpresa do velho Peter, ela não se dirigiu para a montra do colar, mas caminhou direita ao seu balcão. Pôde então observá-la mais de perto.

Era magra e tinha, no máximo, sete anos. Trajava um vestido muito pobre, mas irrepreensivelmente limpo. Os seus cabelos loiros estavam atados por um laço que quase se desfazia, de tão gasto; no entanto, poucas vezes vira um laço feito com tanto esmero. Os seus dois olhos azuis e brilhantes destacavam-se no rosto pálido e inocente.

Sem desviar o olhar da menina, e contrariando os seus princípios, Peter Argern perguntava-se como pudera desconfiar de uma criatura tão frágil e cândida, quando ela o despertou das suas cogitações.

— Por favor, senhor, eu queria comprar aquele colar bonito.

— O quêêê? Comprar? E... quanto dinheiro tens?

Como resposta, ela tirou do bolso um velho lenço todo amarrado e começou a desfazer os nós. Abriu-o e colocou o conteúdo sobre o balcão. Era apenas um punhado de moedas de pouco valor. Mas ela, orgulhosa, perguntou:

— Isto dá, não dá? Consegui todo este dinheiro a tirar neve do passeio dos vizinhos. Olhe, eu quero dar este colar de presente à minha irmã mais velha. Desde quando o papá se foi e a mamã morreu, ela cuida muito de mim e da minha irmã, e não tem tempo para si mesma. Hoje é o seu aniversário, e o senhor sabe, ela nunca recebe nada. Às vezes ouço-a a chorar de noite, no quarto. Ela vai ficar muito feliz com este colar, que é da cor dos olhos dela!

A sinceridade luzia no rosto da pobre menina. Esse gesto de inocente gratidão abalou todas as convicções mesquinhas acumuladas pelo velho Peter ao longo da sua vida egoísta. Lembrou-se da sua própria infância e das pessoas que o haviam protegido na aurora da sua existência. Com os lábios a tremer, foi buscar o colar.

Sob o olhar transbordante de alegria da criança, ele acomodou-o delicadamente num estojo de veludo, embrulhou-o num vistoso papel de presente e arrematou o conjunto com um belo laço de cetim azul. Recebeu o "pagamento" daquelas pequenas mãos e, com um afago, despediu-se da sua singular compradora.

Antes do fim da tarde, uma jovem afiita entrou, com passos rápidos, na loja de penhores. O mesmo estilo de vestido pobre e os grandes olhos azuis não deixavam a menor dúvida de que se tratava da mencionada irmã mais velha. Com um gesto firme, ela colocou o estojo de veludo sobre o balcão e abriu-o, fazendo reluzir a maravilhosa jóia de safiras azuis.

— Este colar é da sua loja?

— Sim — respondeu o comerciante.

Com a voz carregada de angústia, ela inquiriu:

— Diga-me com sinceridade, a minha irmã roubou-o daqui?

— De modo algum! A sua irmã comprou-o honestamente, hoje de manhã.

— Mas como?! A pobre não tinha mais que umas poucas moedas! Mesmo se vendêssemos dez vezes tudo quanto temos, nem de longe poderíamos comprar uma só destas safiras!

Com um gesto delicado, o velho Peter devolveu-lhe o estojo, e disse:

— Ah! a menina está enganada... A sua pequena irmã pagou o preço mais alto que qualquer pessoa pode pagar.

E, acentuando três vezes a palavra "tudo", explicou:

— Ela deu tudo, tudo, tudo o que tinha, só para a ver feliz.

Na manhã seguinte, para surpresa do pároco, o velho Peter apresentou-se bem cedo na igreja. Queria fazer uma boa confissão, disposto a reparar toda uma vida de egoísmo e insensibilidade para com o próximo.

E as irmãs órfãs nunca mais sofreram privações, pois desse dia em diante passaram a contar com um rico e generoso protector...

Maria Teresa Guerra